

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**  
**IDEIAS PARA ACENDER A VONTADE DE LER NA ESCOLA**

*Solimar Patriota Silva* (UNIGRANRIO)  
[solimar.silva@unigranrio.edu.br](mailto:solimar.silva@unigranrio.edu.br)

**RESUMO**

O objetivo deste trabalho, fruto da oferta de um minicurso com o mesmo título, é discutir teoricamente acerca do que é leitura e o papel do professor como leitor para a formação de leitores no espaço escolar, a fim de sugerir atividades que despertem a vontade de ler, propondo que a função do professor como mediador de leitura aconteça antes, durante e depois que determinada obra seja trabalhada com os alunos. A base para a prática do minicurso oferecido encontra-se no livro *Faixas de leitura – 150 ideias para acender a vontade de ler na escola*. (SILVA, 2016, no prelo)

**Palavras-chave:** Leitura. Mediação de leitura. Formação de leitores.

**1. Introdução**

O panorama de leitura no Brasil ainda está aquém do que se deseja para ser considerado um país leitor. Embora algumas pesquisas, como os retratos da leitura no Brasil apontem alguns avanços, esses ainda são bastante tímidos. Ceccantini (2009) afirma que, mesmo entre os leitores plenamente alfabetizados, o nível de leitura que muitos fazem das obras de qualidade, tanto literárias quanto informativas, é epidérmico, revelando uma formação distante da usufruída por outras gerações. Esse autor afirma que, apesar de nunca se ter lido tanto em nosso país, ainda se lê bem menos do que o desejável, na medida em que grandes faixas da população permanecem em uma posição periférica à leitura. Essa situação parece se agravar, segundo o autor, quando o critério de análise abarca uma dimensão qualitativa das leituras que têm sido realizadas.

Considerando que, muitas vezes, a leitura realizada nas escolas aconteça majoritariamente por meios de livros didáticos, temos um quadro de oferta de leituras fragmentadas, descontextualizadas e mesmo impostas aos alunos, já que é necessário ou obrigatório fazer as atividades do livro didático no qual essas leituras são apresentadas.

Obviamente, a situação ideal é que a criança ou adolescente tenha vários núcleos leitores a seu redor, representados por familiares, amigos, comunidade, bibliotecas, espaços religiosos, entre outros. Todavia, a escola ainda representa, para grande parte da população brasileira, a principal via de acesso à leitura e escrita. (CECCANTINI, 2009)

Assim, é necessário que se pensem em propostas para que se acenda a vontade de ler na escola, favorecendo o aumento do repertório leitor dos nossos alunos.

Portanto, o objetivo deste artigo é discutir brevemente o conceito de leitura e do papel do professor-leitor como primordial para a formação de leitores no espaço escolar. Visa também sugerir ao mediador de leitura algumas atividades que favoreçam o gosto pela leitura, despertando o interesse antes da leitura, mediando a atividade durante a leitura e culminando com atividades diversificadas depois da leitura, em que o aluno possa ter voz e participação mais ativa no ato de ler.

## **2. A leitura e o professor-leitor**

De acordo com Martins (1999), a leitura vai além da escrita de textos impressos. Lemos gestos, expressões faciais, o tempo, uma obra de arte. Até mesmo há quem leia as mãos de alguém.

Paulo Freire (2006) já sinalizava que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Porém, era enfático ao prosseguir dizendo que a leitura da palavra constituiria passo importante para a ampliação da leitura de mundo.

Martins (1999) destaca que há três níveis básicos de leitura: sensorial, emocional e racional. Para a autora, o primeiro nível citado abrange o formato do livro, seu cheiro, as cores e tipografia, por exemplo. O nível emocional relaciona-se ao envolvimento do leitor com a obra lida, sua identificação com o que lê. Segundo Martins, é neste nível que se encontra a maioria das pessoas que afirma gostar de ler. Por fim, no nível racional, que a autora destaca que não pode ser confundido com leitura intelectualizadas, encontra-se a motivação para prosseguir com determinada leitura, ainda que, a princípio, não seja fácil ou mesmo tão interessante quanto aquela do nível anterior.

Convém destacar que, como aponta a própria autora, “como a leitura é dinâmica, circunstanciada, esses três níveis são inter-relacionados, senão simultâneos, mesmo sendo um ou outro privilegiado, segundo a experiência, expectativas, necessidades e interesses do leitor e das condições do contexto geral em que se insere”. (MARTINS, 1999, p. 37)

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Em resumo, a contribuição de Martins pode ser sintetizada com a ideia de que a leitura, para ser apreciada, precisa passar pelos sentidos, pelas emoções e pela razão, de forma completa, prazerosa e instigante.

Por outro lado, o professor, em seu papel como mediador de leitura na escola, também precisa ser um apaixonado pela atividade de ler. Entretanto, essa não parece ser a realidade em muitos casos, por razões bastante variadas.

Silva (2009), em uma pesquisa acerca das práticas de leitura entre professores em São Paulo, apontou que a maior frequência na leitura se dá no ingresso para a faculdade, havendo vazios nas etapas anteriores e uma diminuição no ritmo da leitura justamente quando esses professores atingem maturidade intelectual, por volta dos quarenta anos. Além disso, a leitura em espaços como bibliotecas é quase nula, bem como praticamente não há leitura no local de trabalho.

Acrescente-se, ainda segundo Silva, que quase um quarto dos entrevistados possuam apenas dez títulos de livros em casa. Quase metade obtinha apenas xerox de livros, enquanto vinte e cinco por cento lia apenas textos que estivessem disponíveis na internet.

De acordo com esse autor, esses dados podem indicar que o local de trabalho do professor não privilegia a sua própria formação leitora contínua; a biblioteca do professor apresenta uma quantidade de livros muito aquém do que se espera de quem vai trabalhar com a formação de outros leitores; o acesso majoritário a textos em xerox pode indicar a presença de textos curtos e fragmentados desses professores; e, por fim, a constatação de que espaços escolares não fornecem condições favoráveis para que os professores leiam durante o seu trabalho.

Assim, cabe buscarmos uma reflexão acerca de como o professor, não sendo leitor, poderá efetivamente despertar o gosto de ler entre seus alunos. É necessário que seu próprio repertório seja rico e variado, a fim de que ofereça possibilidades de acesso a livros mais diversificados e possa buscar meios variados de incentivar o gosto de ler na escola.

### **3. *O trabalho com a leitura nas escolas***

De acordo com Villardi (1999), pouco se tem feito para se instrumentalizar o professor no que diz respeito ao desenvolvimento do gosto da leitura. Embora seja um texto de quase vinte anos, poucos avanços

temos tido no sentido de que o professor possa saber como trabalhar a mediação de leitura que seja, de fato, prazerosa.

Segundo a autora, no segundo segmento do ensino fundamental, a leitura do livro não é feita em sala, mas é cobrada, de alguma forma, em sala de aula. Geralmente a indicação do livro é feita pelo professor ou pela própria escola, não cabendo o aluno a busca por livros que sejam de seu interesse. Por fim, a avaliação é o ponto para o qual todo o trabalho com a leitura converge, resumindo-se em debates, questionários ou trabalhos em grupo, nos quais se cobra resumos do livro lido.

Villardi diz que todos os professores afirmam que o trabalho com a literatura infanto-juvenil é fundamental no processo de escolarização, mas sete por cento não trabalham livro nenhum durante o ano letivo e treze por cento não trabalham mais que um por semestre. A autora, então, conclui que, embora os professores acreditem que o livro seja importante e que a formação do leitor seja imprescindível, não se pode “perder tempo” com um “conteúdo” que não consta do programa do bimestre. Dessa forma, parece que a leitura por fruição vai sendo relegada a segundo plano em nossas escolas.

Por fim, Villardi aponta a necessidade de um trabalho que seja realizado um trabalho realizado em três etapas, chamados por ela de atividades preliminares, atividades com o texto (roteiro de leitura) e atividades complementares.

Braga e Silvestre (2009) propõem essa mesma divisão, chamando cada uma das etapas de pré-leitura, leitura-descoberta e pós leitura.

Apesar de a nomenclatura diferir de uma obra para outra, percebendo que a concepção entre eles não resultava em grandes diferenças, em trabalho anterior (SILVA, 2012), optei por simplificar e adotar os nomes das atividades como antes, durante e após a leitura.

Nas atividades *antes* da leitura, objetiva-se investigar o conhecimento prévio do aluno acerca do texto; contribuir com informações que a ele sejam desconhecidas, porém necessárias para que ele compreenda o que está lendo; antecipar o sentido do texto a ser trabalho ou, antes disso tudo, simplesmente aguçar sua curiosidade para a leitura do texto.

Na segunda etapa, nas atividades *durante* a leitura, o professor trabalha o texto em si, concentrando-se no que deseja que o aluno descubra, permitindo que ele faça sua própria leitura, dentro dos significados

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

possíveis do texto. É o momento em que ocorre a mediação do professor para a construção de sentido.

Por fim, nas atividades *após* a leitura, pode-se haver uma culminância do trabalho feito, envolvendo toda a escola ou apenas algumas turmas, favorecendo relações interdisciplinares e desenvolvendo a criatividade do aluno que, nessa etapa, pode confirmar ou confrontar o que leu com a sua própria realidade, podendo rechaçar ou abraçar as ideias ou valores apresentados. É o momento principal de os alunos exercerem sua voz, refletindo, exercitando seus pensamentos críticos e serem mais participativos, criativos e originais.

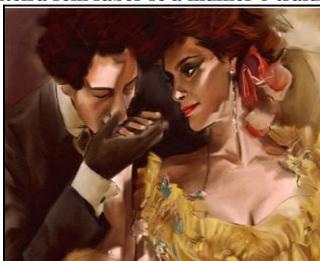
Com essas breves considerações, passo a apresentar algumas propostas de leitura para essas três etapas, antes, durante e depois da leitura, a fim de que se acenda a vontade de ler na escola.

#### 4. *Propostas de atividades de leitura*

As atividades para antes da leitura aqui sugeridas, visam principalmente envolver e cativar a atenção e interesse dos alunos. As redes televisivas trabalham muito bem nesse sentido para despertar a curiosidade das pessoas para suas telenovelas. Sempre há chamadas, propagandas diversas durante semanas para que as pessoas tenham interesse em começar a assistir à estreia de uma das novelas e, claro, os capítulos sempre terminam “na melhor parte”, para que as pessoas se tornem telespectadores fiéis às histórias.

Esse mesmo recurso pode ser utilizado para despertarmos a curiosidade dos alunos para a leitura de algum livro. A figura 1, abaixo, é um cartaz que pode estar no mural da sala de leitura ou nos murais da escola:

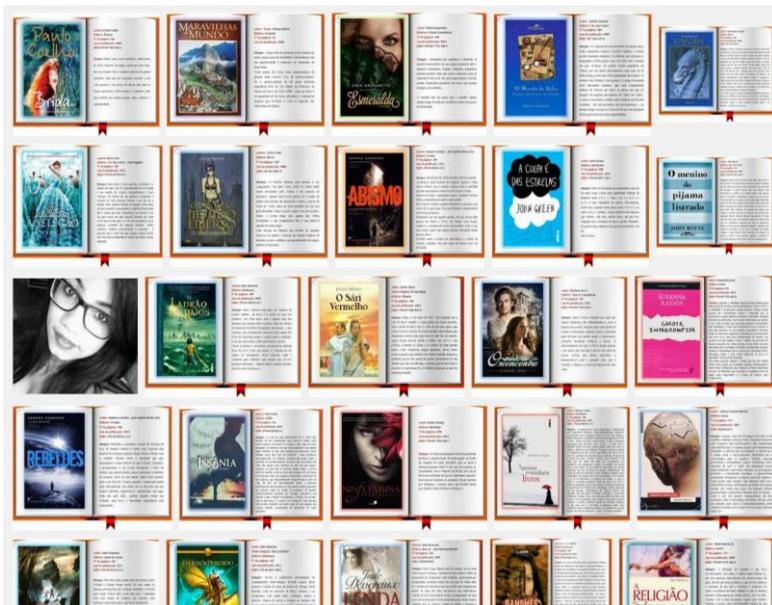
**Marido passa a vida inteira sem saber se a mulher o traiu com seu melhor amigo**



**Quer saber mais? Leia *Dom Casmurro***  
**Figura 1: Cartaz *Dom Casmurro***

Considerando o exemplo que a figura 1 propõe, o aluno pode ser levado à leitura de um clássico sem aquela distância que muitos sentem, pois acham que não vão compreender a obra ou que o assunto abordado não diz respeito a eles.

Com o avanço das tecnologias, um mural de resenhas pode ser compartilhado com os alunos por meio da página da escola em redes sociais, por exemplo. Ao buscar no *Google* “mural de resenha de livros”, aparece o seguinte resultado, conforme mostra a figura 2:



**Figura 2: Mural de resenhas de livros - Google (27/06/2016)**

Além desse recurso, pode-se recorrer às resenhas feitas por outros jovens, disponíveis em diversos canais do YouTube. As chances de os alunos se interessarem por livros indicados por pessoas de sua mesma faixa etária são maiores do que apenas indicações feitas pelos professores e escolas, pois eles se identificam mais com pessoas que “fazem parte de seu mundo”.

Esse mural não precisa ser virtual. Os próprios alunos podem contribuir com mural de leitura, através de indicação de livros que tenham gostado, atribuindo alguma classificação para que outros colegas possam conhecer as histórias também.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Ao se abrir espaço para que o aluno escolha o que ler, há maior probabilidade de que ele se envolva com o que está lendo e, assim, goste mais de ler.

Embora aqui, por questões de espaço, nosso foco recaia para atividades que despertem o interesse pela leitura, convém ressaltar que as atividades para *antes* da leitura não servem apenas a esse intento. Elas podem ser utilizadas para sondar conhecimentos, fornecer informações necessária, fazer predições acerca da leitura etc. (VILLARDI, 1999; BRAGA & SILVESTRE, 2009; SILVA, 2012)

As atividades para *durante* a leitura voltam-se para o trabalho com o texto em si. Assim, o texto escolhido não deve ser vir de pretexto para o trabalho em outras áreas, como atividades gramaticais ou o projeto de algum tema que a escolha tenha decidido por trabalhar naquele bimestre. Esse deve ser um dos pontos principais do trabalho de mediar a leitura em sala de aula, visto que o aluno seja orientado de forma a fazer a sua própria leitura, a compreender as múltiplas interpretações possíveis. Villardi (1999) propõe que haja um roteiro que seja “capaz de levar o aluno a compreender o texto em toda a sua extensão, a refletir sobre cada elemento que compõe sua estrutura e perceber a importância de pormenores até, finalmente, posicionar-se criticamente frente ao que foi lido”.

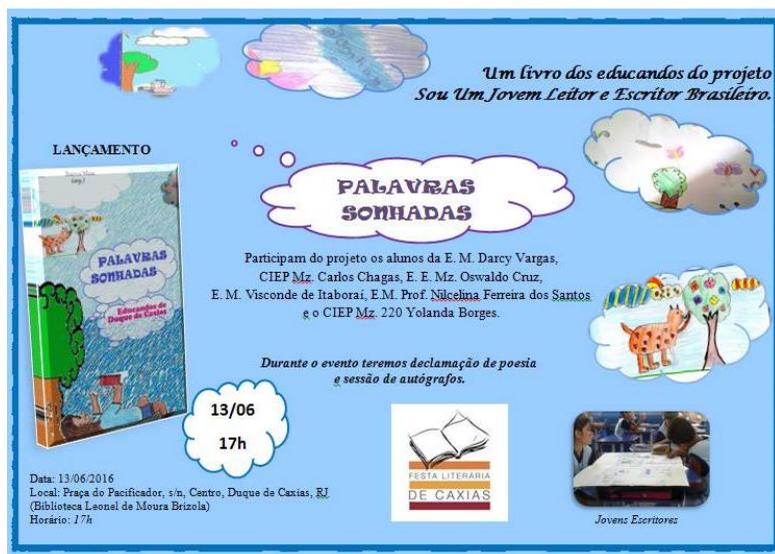
Assim, as atividades *durante* a leitura dependerão de o professor preparar-se previamente, lendo o livro, refletindo acerca dele, buscando criar um roteiro que oriente o aluno em seus próprios caminhos como leitor. Esse roteiro não deve se assemelhar aos questionários exaustivos. Pode-se fazer jogos, perguntas, debates organizados, perguntas, gincanas, entre outras atividades que favoreçam esse percurso leitor. Essas atividades pressupõem discutir, interpretar e brincar também com o que está sendo lido.

Por fim, como atividades para *depois* da leitura, os alunos devem ser levados a correlacionar o que leram com suas próprias experiências. Isso pode ser feito com pesquisas complementares, reescrita do que leram, criação de nova versão ou mudança no final da história, ou mesmo com a apresentação em um evento maior para toda a escola dos trabalhos que foram desenvolvidos. É o momento em que o aluno pode criar, opinar, expandir seus horizontes e fazer sua voz ser ouvida.

Como exemplos breves de atividades assim, podemos ter os sa-raus literários, concursos de escrita, publicação de textos autorais dos alunos. Um bom exemplo é o da professora Bianca Maia, do município

de Duque de Caxias, que vem desenvolvendo o projeto "Sou um jovem leitor e escritor brasileiro", no qual ela fomenta a leitura durante o ano em sua escola e promove oportunidades para que os alunos publiquem seus textos em livros com sessões de autógrafos e apresentações em festas literárias da cidade.

Este ano, o projeto ultrapassou os muros de várias escolas, as quais participaram colaborativamente no projeto, e teve lançamento de livro na Festa Literária de Duque de Caxias. Veja na figura abaixo o convite que a professora e demais colaboradores realizaram para essa atividade realizada para *após* as várias leituras realizadas:



**Figura 3: Lançamento do livro *Palavras Sonhadas* – escrito por alunos de escolas municipais de Duque de Caxias**

Essas são algumas poucas sugestões que podem favorecer que o contato com o livro e o leitor que está em nossas salas de aula possa ser prazeroso e duradouro.

## 5. *Considerações finais*

O objetivo do presente texto foi apresentar brevemente atividades de leitura que podem despertar o interesse e gosto pelo ato de ler em nossas escolas.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

As sugestões apresentadas tiveram como base o livro *Faíscas de Leitura – 150 Ideias Para Acender a Vontade de Ler na Escola*, no qual há atividades propostas para serem realizadas antes, durante e depois da leitura, de forma a nortear o trabalho do professor como mediador de leitura na escola e atrair o interesse dos alunos para que leiam mais e com mais qualidade, para que se formem verdadeiramente leitores para a vida inteira.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima. *Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para a sala de aula*. 3 ed. São Paulo: Global, 2009.

CECCANTINI, João Luis. Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho, RÖSING, Tânia Mariza Kuchenbecker. (Orgs.). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009, p. 207-231.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Formação de leitores literários: o professor leitor. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho, RÖSING, Tânia Mariza Kuchenbecker. (Orgs.). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009, p. 23-36.

SILVA, Solimar. *Faíscas de leitura: 150 ideias para acender a vontade de ler na escola*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2016 [no prelo].

\_\_\_\_\_. A leitura no espaço escolar: o papel do professor como mediador de leitura. In: BARRETO, Cintia Cecília; FARIA, Mariangela Almeida de; FRAZÃO, Idemburgo Pereira Félix (Orgs.). *Diálogos sobre leitura e cultura*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012, p.34-49.

VILLARDI, Raquel. *Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira*. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1999.